

EUGENIA E SUAS IMPLICAÇÕES: PETER SINGER EM DEFESA DO PRINCÍPIO DE IGUALDADE. CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA ANÁLISE DO FILME *GATTACA*¹

Eugenie and its consequences: Peter Singer in defense of Equality Principle – Considerations arising from the film Gattaca

Luis Fernando Ferreira Macedo dos Santos²
Rutiele Pereira da Silva Saraiva³

Resumo: A partir da temática abordada no filme *Gattaca – a experiência genética*, que trata de uma sociedade adepta da eugenia, mostraremos quais são as implicações morais que essa prática pode ocasionar em uma sociedade, bem como as diversas discriminações. Em contra-argumento a essa prática, abordaremos a teoria de Peter Singer em prol do princípio da igual consideração de interesses, demonstrando que dessa maneira teríamos sociedades menos discriminatórias. Enfim, queremos mostrar que caso não nos alertemos para as questões abordadas por Singer, nós, agentes morais, faremos emergir uma sociedade preconceituosa, tal como vemos no filme *Gattaca*.

Palavras-chaves: Moral, Igualdade, Eugenia, discriminação.

Abstract: From selected themes in the movie *Gattaca - A genetic experiment* that describes a eugenics society, we will show what are the moral implications of the eugenic practice to the society as well as its several kinds of discrimination. We will argue against such practice by appropriating Peter Singer's theory on behalf of the principle of equal consideration of interests by showing that societies based on it would be less discriminatory. Finally, we show that if we do not consider the issues raised by Singer we, moral agents, will make emerge a prejudiced society similar to that narrated by the movie *Gattaca*.

Key words: Moral, Equality, Eugenic, discrimination.

Introdução

O filme *Gattaca – a experiência Genética* (1997, dirigido por Andrew Niccol) se passa em um cenário futurista, no qual os seres humanos são escolhidos geneticamente

¹ Artigo produzido como resultado da atividade Cine-PET que promove a apresentação filmes e debates filosóficos em torno de temas suscitados pelos filmes, desenvolvida no âmbito das atividades do PET- Filosofia da UFPI.

² Graduando em Filosofia (UFPI), Bolsista do PET Filosofia (UFPI).

³ Graduada em Filosofia (UFPI), ex-Bolsista do PET Filosofia (UFPI), Mestranda em Filosofia (UFC).

em laboratórios; a forma de concepção natural é desvalorizada (pois podendo-se escolher geneticamente teríamos seres humanos mais fortes), e as pessoas concebidas biologicamente são consideradas “inválidas”. A organização social no futuro retratado no filme se constitui em classes, de acordo com o código genético. Agora não mais determinadas por *status* social ou cor da pele, mas pela ciência, cada indivíduo é discriminado pelo seu quociente genético, através de uma espécie de mapeamento genético feito ao nascer, que realiza cálculos probabilísticos acerca de características físicas e psicológicas, além de data e provável causa da morte.

Vincent Freeman – protagonista do filme – é um homem considerado da classe baixa, ou seja, com um baixo quociente genético; ele é considerado um filho de Deus, ou concebido pela vontade de Deus, e não dos geneticistas. E nesta sociedade futurista, não basta você nascer com cabeça, tronco e membros; é preciso que seja perfeito, já que com apenas uma gota de sangue é possível saber a hora e as causas de sua morte natural. Vincent, como um típico “filho de Deus”, nasceu com 60% de probabilidade de problemas neurológicos, 42% de probabilidade de depressão, 89% de probabilidade de distúrbio da concentração e 99% de probabilidade de doenças do coração com potencial para morte prematura.

Com essas características, Vincent não estava apto para executar nenhuma tarefa de grande relevância na sociedade, o máximo que conseguia era trabalhos de serviços gerais, limpando grandes prédios da cidade. E foi justamente com essas habilidades que ele chegou à *Gattaca*, uma agência espacial que treina e envia seus melhores astronautas para pesquisas no espaço. Ser astronauta era o sonho de Vincent desde a infância; um sonho impossível, visto que seu código genético fazia dele um “inválido”. Assim, o jovem conseguiu entrar em *Gattaca* como faxineiro, mas não porque desejava limpar aquele local; Vincent aspirava ser astronauta e um dia sair da terra e conhecer o espaço e outros planetas, mas com um quociente genético tão baixo jamais conseguiria.

Alguns anos após o seu nascimento seus pais resolveram ter outro filho, esse por sua vez, não seria mais confiado às mãos de Deus, mas de um geneticista; suas características foram todas escolhidas em um laboratório, para possuir o que de melhor poderia resultar da combinação genética de seus pais. E como era de se esperar, Anton Freeman era o filho que foi sonhado por seus pais, enquanto Vincent, um erro da natureza. Este, por mais que se esforçasse estudando física, matemática, astronomia, e adquirindo os conhecimentos e o condicionamento físico exigidos para se tornar um bom astronauta, jamais conseguia lograr êxito. Mesmo que ele tivesse o melhor currículo dentre inúmeros candidatos em uma seleção de emprego, o único currículo que importava era o das suas células. Em uma sociedade à qual *Gattaca* está inserida, nenhuma empresa iria investir em alguém com problemas sérios de saúde, muito menos iriam conceder-lhe treinamento para ir ao espaço, enquanto poderiam fazer isso a outro candidato privilegiado geneticamente. Ironicamente, nessa sociedade é ilegal discriminar, chamam a esse crime de “genecismo”, mas tal lei não é levada a sério, caso você se recuse a fazer o exame de “validade”, as autoridades podem conseguir uma amostra dos seus genes de qualquer forma, seja pelas marcas de digital deixadas numa maçaneta de porta, ou através um aperto de mãos, ou mesmo pela saliva deixada em um copo.

Cansado desta situação, Vincent resolve tomar medidas mais drásticas: ele contrata os serviços de um homem que vende identidades falsas, que se aproveita de fatalidades que ocorrem na vida de pessoas que possuem elevado quociente genético, vendendo seu material genético para pessoas como Vincent, que desejam “subir de classe”. Tal decisão é arriscada, mas valeria o risco em nome da realização de seus desejos. O nosso protagonista assume então a identidade de Jerome Morrow, um grande astro da natação que sofreu um acidente fora do país e tornou-se paraplégico, mas para registros do estado ele ainda é um homem perfeito e excelente, pelo menos segundo seus genes.

E assim deu-se início a transformação de Vincent Freeman em Jerome Morrow, começando pela miopia, com o uso de lentes de contato com a cor dos olhos de Jerome, clareamento dos dentes, mudança de escrita de destro para canhoto e ainda uma transformação de altura, pois Jerome mede 1,85cm; assim, Vincent precisa se submeter a um procedimento de corte dos ossos da perna abaixo do joelho, para que no processo de cicatrização os ossos se regenerem mais longos, havendo como resultado o acréscimo de cinco centímetros na sua altura. O doloroso processo é marca do quão decisiva é a atitude de Vincent.

Toda essa maratona de incorporação de outra identidade tem apenas um objetivo: ser admitido em *Gattaca* como astronauta. Vincent representa o excluído da sociedade que quer provar, tanto para si como para os outros, que a eugenia não torna as pessoas melhores, e que os “filhos de Deus” não são de natureza torta. O fato de ele ter manipulado o sistema e com isso ter ingressado em *Gattaca* mostra que aqueles que são considerados inaptos e por isso excluídos, são vítimas de um equívoco baseado na certeza e crença no cálculo probabilístico. Vincent tinha de fato um problema no coração, mas isso não o impediu de ser astronauta, pois o maior empecilho para isso era a discriminação eugênica. Prova desse fato é a vitória que ele conquista sobre seu irmão Anton em uma disputa de natação, na qual ambos competiam quem conseguiria ir mais longe, nadando em direção ao alto-mar; Vincent ganhou por duas vezes de seu irmão, que geneticamente era melhor que ele. Tais cenas e abordagens no filme nos fazem pensar acerca da justificação ou não da discriminação dos indivíduos, seja a partir de um quociente genético, seja em casos de raça ou sexo.

Peter Singer e o princípio da igual consideração de interesses

Apresentamos anteriormente uma realidade fictícia de uma sociedade adepta da seleção eugênica. Mas qual a relação da temática abordada em *Gattaca* com a Ética? Devemos reconhecer que a moralidade é algo que sempre esteve presente no meio dos homens e, a despeito de nossas vontades, estamos inseridos em algum contexto moral. O filme nos mostra um problema social: o preconceito e a discriminação genética; algo que nos incomoda, ou pelo menos deveria incomodar, já que *o princípio de que todos os seres humanos são iguais hoje faz parte da ortodoxia ético-política predominante*⁴. Não muito distante de nossa realidade, *Gattaca* aponta para algo que pode deixar de ser fictício para se tornar real.

Preocupados com as injustiças que uma sociedade como essa produz, trazemos à luz desta discussão a visão que Peter Singer⁵ tem acerca da igualdade e suas implicações, a fim de que possamos refutar práticas tais como as que ocorrem no filme. Singer acredita que podemos justificar a afirmação de que todos os seres humanos são iguais buscando fundamentos éticos para um princípio de igualdade. Em seu livro *Ética Prática*, o filósofo descarta a possibilidade do uso da personalidade moral – conceito abordado pelo filósofo John Rawls – como base da igualdade, pois não é o fato de sermos sensíveis às questões éticas ou de justiça que nos liga uma mesma esfera de um princípio de igualdade. Caso ocorresse dessa maneira, certos indivíduos como bebês e deficientes mentais estariam excluídos da esfera ética; entretanto não é desta maneira que devemos pensar e entender o princípio da igualdade.

O argumento utilizado para justificar a existência de uma base factual para um princípio de igualdade que proíba o racismo e o sexismo diz que embora os seres humanos sejam diferentes enquanto indivíduos, não existem diferenças plausíveis que no âmbito da moral justifiquem a não-igualdade entre raças e sexo. A suposição de que os homens

⁴ SINGER, Peter. *Ética prática*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 25.

⁵ Professor na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. Atua na área de ética prática, tratando questões de Ética de uma perspectiva utilitarista.

brancos são superiores aos negros torna-se então uma pretensão racista falsa, assim como acreditar que as mulheres são inferiores aos homens. Todavia, uma sociedade como a representada por *Gattaca* não leva em conta distinções raciais ou de sexo, mas genéticas; as diferenças entre os indivíduos vão além das fronteiras raciais e sexuais, e aceitando-se o fato de que sempre irão existir diferenças entre indivíduos se torna fácil cair em modelos sociais hierárquicos; no caso, a partir das diferenças genéticas entre os indivíduos, pois se baseiam nas diferenças reais entre as pessoas.

Para lutarmos contra esse tipo de sociedade não-igualitária, Singer sugere que um princípio de igualdade não se baseia em inteligência, personalidade moral, ou outro dado semelhante. A diferença de capacidades entre as pessoas não justifica que façamos uma distinção ao considerarmos os interesses dos indivíduos; a igualdade é um princípio ético básico e não uma assertiva factual; ou seja, devemos respeitar o princípio de igualdade extrapolando as contingências do agir humano, levando em conta o interesse dos envolvidos em uma situação ou impasse moral. Assim, chegaríamos a uma lei universal capaz de nos orientar sobre o certo ou errado, o que não aconteceria caso tratássemos o princípio de igualdade como apenas uma assertiva decorrente de uma observação de um fato.

Essa é a base que sustenta um princípio de igualdade: quando tratamos dele como um princípio ético básico, consideramos os interesses de todos que estão envolvidos. Os interesses são considerados a partir de si mesmos e não como os interesses de A ou B. Pensado desta maneira, temos um princípio básico de igualdade: o *princípio da igual consideração de interesses*. Como afirma Peter Singer:

A essência do princípio da igual consideração de interesses significa que, em nossas deliberações morais, atribuímos o mesmo peso aos interesses semelhantes de todos os que são atingidos por nossos atos. Isso significa que, se apenas X e Y viessem a ser atingidos por um possível ato, e que, se X estiver mais sujeito a perdas e Y mais sujeito a vantagens, melhor será deixar de praticar o ato. Se aceitarmos o princípio da igual consideração de interesses, não poderemos dizer que é melhor praticar o ato, a despeito dos fatos descritos, porque estamos mais preocupados com Y do que com X. Eis a que o princípio realmente equivale: um interesse é um interesse, seja lá de quem for esse interesse.⁶

Um exemplo prático que podemos dar para esse princípio é o exemplo de alguém que está sentindo dor e quer aliviá-la.

Em que consiste o princípio da igual consideração de interesses

Como foi sugerido, o desejo pelo alívio da dor é um exemplo de que é comum a todos querer aliviá-la. Portanto, o desejo apenas de “A” não deve ser levado em conta em relação ao desejo de “B”. Em geral, podemos entender esse princípio como uma espécie de juiz que equilibra o interesse de ambas as partes atuando de maneira imparcial. No caso de A e B, podemos ter uma situação em que a dor de “A” seja mais dolorosa do que a de “B”, e assim tenhamos de atribuir um peso maior ao desejo de “A” do que o de “B”; por outro lado, se o alívio da dor de “B” proporcionará o alívio posterior da dor de um número maior de pessoas, pesaremos mais para o alívio de sua dor.

No caso da dor o que é levado em conta é o interesse mais forte ou que seja combinado a outros interesses. Entretanto, tal posicionamento não se adéqua quando tratamos de raças ou de sexo, já que em ambos os grupos deve-se levar em conta o

⁶ SINGER, Peter. *Ética prática*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 30.

interesse em si. Veremos que, por mais que isso aponte para que o princípio de igual consideração de interesses seja puramente formal, é possível demonstrar que ele é capaz de excluir o racismo e o sexismo e, com base nisso, também a discriminação eugênica, como é o caso da sociedade representada em *Gattaca*.

No filme, Vincent não era admitido em bons empregos, por mais que tivesse um bom currículo e um bom condicionamento físico. Mesmo sendo considerada uma prática ilegal, o “genecismo” era o critério de avaliação dos candidatos a uma vaga de emprego. Diante disso, a busca por uma visão igualitarista se faz necessária, porque *o princípio da igual consideração de interesses não permite que a nossa prontidão em considerar os interesses dos outros dependa das aptidões ou de outras características destes, excetuando-se a característica de ter interesses.*⁷

Sendo assim, segundo esse princípio devemos levar em consideração o interesse das pessoas, independente de raça, sexo e, no caso abordado em nosso trabalho, pelo seu quociente genético. Acreditamos que com isso o princípio da igual consideração de interesses é capaz de refutar práticas não-igualitaristas como ocorre em *Gattaca*, eliminando juntamente com isso a discriminação e o preconceito com base em probabilidades genéticas, que julgam saber as capacidades tanto físicas como psicológicas dos indivíduos logo após o seu nascimento.

Singer nos alerta que a igual consideração de interesses é um princípio mínimo de igualdade, onde não impõe, normativamente, um tratamento igual entre os indivíduos. Procuraremos dar um exemplo diferente do que Singer apresenta em sua obra, mas preservaremos a mesma lógica: suponhamos que eu esteja devendo mil reais a duas pessoas (A e B), ou seja, dois mil reais; porém só possuo mil. Levando-se em conta o princípio da igual consideração de interesses, eu deveria pagar quinhentos reais a cada um. Entretanto, o sujeito “A” possui uma dívida também no valor de mil reais, se eu devolver-lhe a quantia total que lhe devo ele salda a sua dívida, enquanto que o sujeito “B” não tem dívida alguma e não está necessitando do dinheiro.

O que temos é o seguinte: se eu divido os mil reais entre os dois, “A” recebe metade do dinheiro que lhe devo, mas não vai ter nenhuma necessidade urgente para com que gastar, enquanto “B” vai ter apenas a metade do que lhe cabe e não terá com saldar a sua dívida. Pela igual consideração de interesses, deveria entregar quantia total para “A” para que ele salde a sua dívida e em outro momento pagaria “B”, já que a necessidade de dinheiro do mesmo não é tão urgente.

Concluimos disto que em algumas situações a igual consideração de interesses leva àquilo que aos olhos de algumas pessoas seria uma prática não-igualitária. No nosso exemplo, o princípio da igualdade quer obter como resultado algo mais próximo possível de uma situação igualitária. Como? O sujeito “B” não tinha dívida nenhuma; caso fosse dividido o dinheiro, ao fim da transação, “A” continuaria endividado e “B” não. Com o princípio da igualdade ambos sairiam desta situação isentos de dívida, ao passo que agora só devo mil reais para o sujeito B, que pode ser pago posteriormente.

Situações como essa servem para nos alertar quanto à natureza do princípio da igual consideração de interesses, que em alguns casos pode acentuar as diferenças em vez de atenuar, deixando claro com isso que ele é um princípio mínimo de igualdade e não um princípio igualitário perfeito. Mas vejamos agora as vantagens de tal princípio para o propósito a que nos destinamos.

Racismo, Eugenia e igualdade

Em *Ética Prática*, Peter Singer comenta o artigo de um cientista chamado Arthur Jensen, sob o título de *How Much Can We Boost IQ and Scholastic Achievement?*, que tem por

⁷ SINGER, Peter. *Ética prática*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 32.

objetivo demonstrar com bases científicas o porquê de os negros americanos não obterem melhores resultados que os brancos nos testes de QI. Jensen argumenta que essa disparidade se dá por uma diferença genética. O que temos aqui é uma clara tentativa de fundamentar o racismo em bases científicas.

Ao observar essa manifestação científica acerca dos usos da ciência para fundamentar as desigualdades entre os indivíduos, Singer alerta-nos para as consequências que isso pode causar nas sociedades; diz ele que:

Mais recentemente, o início do projeto científico internacional que se designa a mapear o genoma humano – isto é, fazer uma minuciosa descrição científica do código genético humano – provocou protestos, devido à apreensão quanto ao que tal mapeamento possa vir a revelar sobre as diferenças genéticas entre os seres humanos e quanto ao uso que se possa vir a fazer de tais informações.⁸

Esses temores que suscitaram protestos são justamente aquilo que foi representado em *Gattaca*. O que está em jogo aqui não é avaliar o método e a validade do conhecimento científico, mas colocá-lo frente às teorias com ideal de igualdade e sugerir a seguinte questão: caso sejam válidas as probabilidades que indicam o quociente genético, poderíamos defender o “genecismo” e descartar o princípio de igualdade?

Além disso, surge outra dúvida: será que o mapeamento genético avalia o real potencial de um indivíduo? Com base no filme, podemos dizer que não. Vincent não morreu aos 30 anos como foi previsto logo após o seu nascimento, os problemas de concentração não o impediram de estudar e adquirir conhecimento de física e astronomia e o seu problema no coração também não foi um empecilho para que ele obtivesse ótimo condicionamento físico.

Esses são apenas alguns aspectos que revelam que o teste de quociente genético, como qualquer outro tipo de discriminação que parte de uma fundamentação científica, pode estar equivocado. O que estamos tentando demonstrar é a possível validade dos argumentos que Singer se utiliza para defender o princípio de igualdade contra a distinção entre inteligência feita entre brancos e negros, pois concluímos que tais argumentos também funcionariam contra as práticas não-igualitárias encontradas em *Gattaca*.

Assim, levanta-se a questão de que tais diferenças não podem ser explicadas somente mediante fatores hereditários. No caso de Vincent, segundo sua herança genética ele só poderia ser no máximo faxineiro, mas segundo sua força de vontade e interesse ele foi capaz de se tornar astronauta. Isso nos mostra que Vincent foi muito mais influenciado pelo meio, por mais que o próprio meio estivesse contra ele, ou seja, os fatores genéticos não foram preponderantes em relação à determinação de ser aquilo que ele almejava; mesmo com uma herança genética desfavorável, Vincent alcançou seus objetivos.

Esse é só um aspecto acerca das limitações que os não-igualitaristas têm de enfrentar. Mas suponhamos que a hipótese genética esteja correta, ainda assim as suas consequências seriam mais danosas do que benéficas, e para tanto Singer nos dá três boas razões para não acreditarmos que a hipótese genética não deva dar apoio ou bases para discriminação.

Em primeiro lugar, o quociente genético não deve nos desmotivar a combater outras desigualdades existentes nas sociedades. Por exemplo, se Vincent não tivesse almejado ser astronauta e feito de tudo para conseguir isso, teria de se contentar com empregos medíocres, que lhe trariam uma baixa renda, não lhe permitiriam ter uma boa moradia, saúde e vários outros prazeres que uma boa renda lhe traria caso ele pudesse desenvolver todo o seu potencial. A hipótese genética não deve nos desmotivar a lutar por sociedades mais igualitárias.

⁸ SINGER, Peter. *Ética prática*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 36-37.

Em segundo lugar, o que o mapeamento genético faz é extrair uma média, ele nos dá uma probabilidade percentual. Em uma cena do filme Vincent recusa-se a comer por estar estudando e seus pais ficam aflitos ao verem tanto esforço do filho, prevendo que enquanto alguém com problemas no coração e com um baixo quociente genético, ele jamais conseguiria ser astronauta; para eles aquilo era em vão. Seu pai dizia-o que deveria ser mais realista, mas o argumento de Vincent era justamente o de que, como o que fizeram logo após o seu nascimento foi extrair uma probabilidade, ainda havia a probabilidade também de ele não ter nada de errado com a sua saúde. Ou seja, ele argumentava que o teste genético não era uma garantia de certeza, mas uma média que poderia ou não se concretizar.

E em terceiro lugar, o princípio da igualdade não se baseia em uma igualdade concreta compartilhada por todos os indivíduos, pois o que está em jogo é a consideração dos interesses dos indivíduos. Interesses que são básicos e imprescindíveis a todos, *como o interesse em evitar a dor, desenvolver as suas próprias aptidões, satisfazer as necessidades básicas de alimento e abrigo, manter relações pessoais calorosas, ser livre para desenvolver, sem interferências, seus projetos de vida, e muitos outros*⁹. Tais interesses não são atingidos pelo fato de as pessoas terem ou não quocientes genéticos diferentes.

Portanto, essas três razões devem ser suficientes para demonstrar que sociedades onde predominam as práticas não-igualitárias não estão justificadas cientificamente e nem fundamentadas para negar qualquer princípio de igualdade entre os seres humanos.

Conclusão

No filme *Gattaca*, a questão preponderante é a da igualdade *versus* a prática discriminatória (genética, no caso). A sociedade é toda dividida em castas, com base em uma superioridade genética, que é privilegiada por supostamente representar maiores bens à sociedade: seres mais fortes, dignos de todo o investimento; ao contrário dos fracos “filhos de Deus”, que seriam um desperdício de recursos e degenerados para sociedade perfeita dos geneticamente escolhidos. O único critério que é levado em conta é o mapeamento genético, e diante de crimes e acidentes, os primeiros suspeitos são os “filhos de Deus”, sem que estes tenham direito de contestação: sua fraqueza genética já é o suficiente para colocá-los em tal posição; por tal motivo, no filme vemos grandes guetos que nos remetem aos campos de concentração nazistas (vale lembrar que os campos de concentração serviram como grandes laboratórios de pesquisa científica no que viria a se tornar posteriormente a engenharia genética).

A separação dos indivíduos por código genético mostrada no filme, bem como toda a prática discriminatória nele abordada, exclui claramente quaisquer direitos ou valores morais para além da ciência, o que deixa várias questões como: seres geneticamente “perfeitos” são assim também moralmente? É possível ter um mundo ideal e justo a partir da engenharia genética?

Ao vermos que esses impasses persistem ao longo do tempo, logo percebemos que a ciência não é capaz de dar conta de muitas questões éticas, e neste caso, esquece-se dos indivíduos que estão para além da “programação científica”: os sujeitos morais. Geneticamente programados ou não, os seres humanos têm ou deveriam ter direitos baseados em um princípio básico fundamental: a igualdade. E qual é o lugar da igualdade no campo ético? Como atingi-la em uma sociedade cheia de práticas discriminatórias, como a retratada no filme *Gattaca*? Voltemos a Peter Singer e o seu princípio de igual consideração de interesses:

⁹ SINGER, Peter. *Ética prática*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 40.

Singer aponta o princípio de igual consideração de interesses como um fundamento ético do princípio de igualdade. Ao avaliar uma situação moral, devemos levar em conta não o *status* social, cor ou sexo, mas o interesse de todos os envolvidos na situação. Ele afirma que tal princípio básico implica na aceitação de um princípio ainda mais forte, a saber: o da imparcialidade. A partir da concepção de que todos os homens são iguais, devemos então acatar o princípio de que devemos tratá-los de forma imparcial. Portanto, se é possível aceitar a igualdade entre os homens, devemos aceitar o princípio da imparcialidade.

O princípio de igual consideração de interesses fundamenta eticamente o princípio de igualdade, que por sua vez, implica o princípio de imparcialidade, que é uma implicação universal. O filósofo nos diz que o princípio de igual consideração de interesses significa em essência que, em nossas deliberações morais, devemos atribuir o mesmo peso aos interesses semelhantes de todos os envolvidos ou atingidos por nossos atos.

Deste modo, um interesse deve ser levado em conta independente de quem seja, e nenhum interesse deve valer mais que outro. Assim podemos refutar o racismo e o sexismo, pois são práticas não-igualitárias e extremamente parciais. Somente podemos admitir que os seres humanos são diferentes enquanto indivíduos, sem sobreposições hierárquicas de raças ou sexos. Não há, portanto, uma superioridade; apenas diferenças individuais que devem ser respeitadas e levadas em conta a partir de seus interesses (dos básicos como abrigo e alimentação, aos mais complexos como aspiração a um emprego ou cargo político). O princípio da igual consideração de interesses surge como critério justo da ideia de igualdade, com a igualdade no interior do próprio princípio: intrínseca.

Assim, a partir desse princípio, Vincent deveria ser submetido aos exames para admissão em *Gattaca* a despeito de seu mapeamento genético, e desta forma se poupar de precisar usar uma falsa identidade. O próprio fato de ter conseguido se destacar entre os agentes de *Gattaca* e alcançar seu objetivo de viajar ao espaço já refuta a tese de que seres “inválidos” – como eram chamados os não programados geneticamente – são de fato inferiores aos “filhos da ciência”. Ao passo que o verdadeiro Jerome Morrow, um ser perfeito aos olhos da sociedade retratada no filme, era um homem cheio de problemas emocionais, alcoólatra e incapaz de sustentar o “peso da perfeição”. Assim, o filme também mostra o fator de que mesmo com toda a previsão científica, um acidente pode tornar “inválido” um homem “válido”, como é o caso de Jerome, que se torna paraplégico em um acidente de carro. E aqui temos o “fator surpresa”, o acidental, a contingência; pois nem tudo é perfeito como a engenharia genética quer propor. A vida, os problemas individuais e o cotidiano sendo todo suscetível a acidentes, nada disso está previsto em cálculos matemáticos. Uma sociedade justa deve levar em conta o princípio da igualdade, bem como os interesses dos indivíduos que dela fazem parte.

A partir da exposição e análise das questões abordadas no filme *Gattaca – a experiência genética*, apresentamos a proposta do filósofo australiano Peter Singer como saída para alguns impasses morais colocados por práticas como o racismo, sexismo e, no caso mais específico abordado ao longo deste trabalho: o “genecismo”. Singer afirma que sua tese de igual consideração de interesses se trata de um princípio mínimo de igualdade a fim de amenizar/diminuir a utilidade marginal e afastar as práticas discriminatórias; e que mesmo com objeções e a dúvida se realmente funciona, na falta de melhores alternativas éticas, devemos tentar aplicá-la.

Referências

SINGER, Peter. *Ética prática*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CAMARGO, Edson Antonio Ortiz de. *O Princípio De Imparcialidade Na Ética Aplicada De Peter Singer*, 2006. 102f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2006.

MENDES, V. A.; **CISNEROS**, L. A igualdade e as implicações do problema de Singer. *Ethic@ - Revista de Filosofia Moral*. Florianópolis, v. 3, n .3, p. 239-253,dez. 2004.

Gattaca - Experiência Genética. Columbia Pictures Corporation / Jersey Films. Produção: Danny DeVito, Michael Shamberg e Stacey Sher. Direção: Andrew Niccol, 1997.

Texto recebido em: 09/09/2011
Aceito para publicação em: 10/10/2011